Distributed by the :

ÉDITIONS Ismael.

NON-PROFIT ASSOCIATION.

(2017)

editions-ismael.com editions.ismael@gmail.com.
Siège social : 15 rue des Capucins, 69001 Lyons.

que mais os compromettia; Bayle serviu-se d'essa confissão para formar no seu *Dictionaire historique et critique* a biographia do livre-pensador. Começára em 1639 o processo de unificação das communidades judaicas, estabelecendo-se o ensino do Talmud e da Tora; do Collegio rabbinico de Amesterdam sahiam os grandes discipulos, destacando-se como continuador do exercicio do livre-pensamento o genial philosopho Bento Spinosa, tambem de origem portugueza. Terminamos com a phrase de Darmestetter, que synthetisa o valor mental e a acção de Uriel da Costa: Veiu um seculo mais cedo do que aquelles que proclamaram a liberdade do pensamento, que é a condição para a liberdade de consciencia.

THEOPHILO BRAGA.

Limborch accrescentou-lhe uma *Refutatio argumentorum quibus Acosta omnem Religionem revelatam impugnat*.
Em 1641 D. Francisco de Castro imprimiu em Lyão os *Commentaria quinque*, do seu antigo mestre Gabriel da Costa.

Tradução A. Epiphanio da Silva Dias
in. Espelho da vida humana, Lisboa, Imprensa Lucas, 1901

URIEL DA COSTA

ESPELHO DA VIDA HUMANA

Vi a luz em Portugal, na cidade do Porto. Os meus progenitores, pessoas bem nascidas, descendião de judeus, que em tempo havião sido forçados neste reino a abraçar a religião christã. Meu pae era verdadeiro christão, observantissimo dos preceitos da honra e grande prezador da honestidade de costumes. Em sua casa fui criado fidalgamente. Não faltavão servos e na cavallariça cavallo de boa raça hespanhola para exercicios de equitação, arte em que meu pae era versadissimo, e eu de longe lhe seguia as pisadas. Depois de instruido em algumas disciplinas que os mancebos de boa familia costumão aprender, passei a estudar Direito. No que toca á indole e condição, era eu por natureza mui piedoso e tão propenso á compaixão, que se alguma vez ouvia contar uma desgraça acontecida a outrem, de modo nenhum podia conter as lagrimas. A vergonha era a tal ponto innata em mim, que de nenhuma cousa eu tinha tanto medo, como do que deslustra o nome. O meu coração não agasalhava nenhum sentimento baixo, e não deixava de abrir a porta á ira, se causa justa o requeria. Assim que eu era na verdade adverso aos soberbos e insolentes que por desprezo e violencia costumão aggravar os seus semelhantes, desejando apadrinhar os fracos e pondo-me de preferencia ao lado d'elles. Pelo que respeita a religião, padeci na minha vida cousas inacreditaveis. Fui criado, segundo o cos-

tume d'aquelle reino, na religião catholica, e sendo já rapaz feito, com grande temor da condenação eterna, desejava observar pontualmente todos os preceitos religiosos. Applicava-me á leitura do Evangelho e de outras obras espirituaes, percorria as Summas [1] dos confessores, e quanto mais me entregava a estes estudos, maiores difficuldades se me alevantavão. Acabei por cahir em inextricaveis enleios, em ansiedades e aperturas de coração. Ia-me finando de melancolia e mágoa. Antolhou-se-me impossivel confessar os peccados segundo os termos da Igreja romana, de modo que pudesse obter dignamente a absolvição e cumprir tudo quanto era requerido. A consequencia foi desesperar da salvação, se a salvação tinha de ser obtida mediante a observancia de taes normas. Ora sendo difficil poder apartar-me de uma religião a que desde o berço fôra acostumado e que, pela fé, já tinha deitado em mim fundas raizes, comecei a pensar — foi isto á volta dos vinte e dois annos — que poderia talvez ser menos verdade o que se dizia de uma outra vida, e a ter incertezas sobre se a fé prestada a taes dogmas se casava bem com a razão, por isso que a mesma razão me ditava e de continuo me mettia pelos ouvidos dentro muitas cousas que fortemente contrariavão aquelles dogmas. Entrado nesta duvida assosseguei, e fosse o que fosse, assentava comigo que por tal róta não podia alcançar a salvação da alma. Por este tempo cursava eu as aulas de Direito, segundo já disse, e andando nos vinte e cinco annos, como se me deparasse ensejo, obtive um beneficio ecclesiastico, a thesouraria de uma Collegiada. Não tendo, porêm, encontrado repouso na religião catholica romana, e desejando estar abraçado a alguma religião, eu que sabia que entre christãos e judeus havia rijo combate, pus-me a percorrer os livros de Moisés e dos prophetas, onde se me apresentavão algumas cousas que estavão em não pequena contradicção com o Novo Testamento e encerravão menor difficuldade. Demais no Antigo Testamento crião tanto os judeus como os

[1] Designação dos tratados geraes theologicos, tomada da obra de S. Thomás de Aquino, *Summa theologiae*.

christãos, no Novo Testamento só os christãos. Acabe por entender, acreditando em Moisés, que devia obedecer á Lei, visto que elle affirmava ter recebido tudo de Deos, declarando-se puro mensageiro chamado pelo proprio Deos para esta missão ou, melhor, obrigado (dest'arte se enganão os pequeninos). Isto assentado, como quer que naquelle reino não houvesse liberdade de professar de algum modo a religião de Moisés, pensei em mudar de residencia, deixando a terra patria. A este fim não duvidei resignar em favor de outrem o beneficio ecclesiastico, não cuidando dos proventos nem da honra que d'alli me vinhão conformemente aos usos d'aquelle país. Deixei tambem uma formosa casa de habitação, situada em uma parte magnifica da cidade e construida por meu pae. Embarcámos, pois, não sem grave risco, — os que descendem de hebreus não podem deixar o reino sem permissão especial d'el-rei — eu, minha mãe e meus irmãos, aos quaes, movido pelo amor fraterno, eu communicára o que sobre religião me havia parecido mais consentaneo, embora tivesse dúvidas ácerca de alguns pontos — e esta communicação poderia redundar em grande mal para mim; tão perigoso é naquelle país fallar em semelhantes assumptos! — Terminada a viagem, aportámos a Amsterdam, onde encontrámos os judeus vivendo em liberdade. Em obediencia á Lei, cumprimos para logo o preceito da circumcisão.

Ao cabo de alguns dias tinha-me a experiencia mostrado que os costumes e ordenações dos judeus estavão longe de casar-se com os preceitos de Moisés. Ora se cumpria observar a Lei com pureza, segundo ella propria requer, mal andárão os chamados Doutores dos judeus com tantas invenções, que de todo o ponto destoão da Lei. Assim que não pude acabar comigo que me contivesse, antes entendi que faria cousa do agrado de Deos, se defendesse a Lei com isenção. Estes Doutores judaicos do tempo presente — que ainda conservão os seus costumes e condição maldosa, porfiando galhardamente em defesa da seita e das instituições dos abominaveis phariseus, não sem esperança de benesses pessoaes e, segundo já outr'ora lhes foi imputado fundamentadamente, para occuparem as primeiras cadeiras no templo e terem as primeiras saudações na praça

pública [1] — de modo nenhum vierão em que, sequer nas cousas mais pequenas, eu me apartasse d'elles, pretendendo que sem desvio algum lhes fosse na esteira; de contrario ameaçárão-me com a excommunhão e privação de toda a communicação com os fieis nas cousas divinas e humanas. Como, porêm, ficasse muito mal voltar as costas diante de tal medo quem por amor da liberdade deixára a patria e desprezára outros proveitos, e o submetter-me a homens em tal caso, mórmente quando elles não tinhão poder legitimo, fosse acto de pouca religião e improprio de homem digno d'este nome, decidi antes padecer tudo e permanecer firme no meu proposito. Consequentemente fui por elles excommungado e excluido da communicação com todos os fieis, e os meus proprios irmãos, de quem anteriormente eu fôra mestre, com medo d'elles passavão por mim na rua sem me saudar.

Nestas circunstancias resolvi escrever uma obra em que mostrasse a justiça da minha causa e provasse claramente á luz da propria Lei o infundado dos ensinamentos e práticas dos phariseus e o contraste em que as suas tradições e instituições estavão com a Lei de Moisés. Principiada a obra, vim tambem — cumpre referir tudo como se passou, sem refolho e com verdade — a abraçar, resoluta e deliberadamente, o parecer d'aquelles que assentão serem temporaes o premio e a pena da Lei velha, e não crêm em uma outra vida e na immortalidade da alma, estribando-me, para não fallar d'outras razões, em que a Lei de Moisés guarda absoluto silencio sobre estes pontos, e aos que observão ou quebrantão os seus preceitos, só promette premio temporal ou pena temporal. Grande foi o regozijo dos meus inimigos ao saber que eu adoptára este parecer, julgando terem alcançado só por este facto larguissima defesa perante os christãos, que em virtude de fé especial fundada na Lei evangelica, onde se faz menção expressa da felicidade eterna e das penas eternas, crêm e reconhecem a immortalidade da alma. Com este intuito e para me taparem a boca nos demais pontos e

[1] Allude ao cap. xi, vers. 43 de S. Lucas: *Vae vobis pharisaeis, quia diligitis primas cathedras in synagogis et salutationes in foro.*

me tornarem odioso entre os proprios christãos, antes de entrar no prélo o meu escrito, tirárão a lume um opusculo, da mão de certo medico, com o titulo de *De immortalitate animarum* [1]. Na sua obra o medico fartava-se de atassalhar-me, como que eu defendesse a seita de Epicuro, pois quem negava a immortalidade da alma, pouco faltava para negar a existencia de Deos. — Neste tempo eu tinha má opinião d'aquelle philosopho, e fundando-me na informação parcial de outrem, dava sentença temeraria contra uma parte ausente sem a ouvir; mas desde que soube o conceito que d'elle fazião algumas pessoas amantes da verdade, e tive conhecimento da sua doutrina real, sinto haver em tempo chamado louco e insano um tal sujeito, de que ainda não posso formar juizo cabal por me serem desconhecidos os seus escritos [2]. — Os filhos dos ditos meus inimigos, industriados pelos rabbinos e pelos paes, juntavão-se em magotes pelas ruas e a brados praguejavão-me e irritavão-me com toda a casta de improperios, appellidando-me, voz em grita, de hereje e de apostata. A's vezes até se ajuntavão diante da minha porta, apedrejavão-na, e tudo tentavão para me perturbarem, de geito que nem na minha propria casa pudesse lograr sossego. Publicado que foi aquelle livro contra mim, para logo apercebi-me para a defesa e escrevi um opusculo em reposta a elle, impugnando com todas as forças a immortalidade da alma e tocando de caminho alguns pontos em que os phariseus se apartão de Moisés. Tanto que esta minha obra sahiu a público, ajuntarão-se os senadores e o grão-rabbino dos judeus e propuserão uma accusação contra mim perante a autoridade civil [3], allegando que eu havia escrito um livro em que negava a immortalidade da alma e não só os offendia a elles mas até abalava o edificio da religião christã. Por effeito d'esta denuncia fui mettido na cadeia, e depois de lá estar oito para dez dias soltárão-me debaixo de fiança. Aquella autoridade [4] exigia de mim o pagamento de uma

[1] Uma nota marginal diz ter sido publicado em 1623.
[2] No original o parenthese está depois de «eu defendesse a seita de Epicuro».
[3] *Magistratum publicum.*
[4] *Praetor.*

multa, e em cabo fui condenado a pagar-lhe trezentos florins e ao perdimento dos exemplares da obra.

Depois, com o rodar do tempo, como quer que a experiencia e os annos descubrão muita cousa e consequentemente dem volta ao pensamento do homem (seja-me permittido, mais uma vez o digo, fallar com franqueza; e effectivamente, porque não ha-de ser licito a quem, por assim dizer, escreve o seu testamento para deixar aos homens as contas da sua vida e um exemplo verdadeiro das desventuras humanas, porque não ha-de ser licito, digo, contar a verdade?), entrei a ter dúvidas sobre se a Lei de Moisés deveria ser tida por lei de Deos, por isso que muitas cousas havia que aconselhavão, ou melhor, forçavão a dizer o contrario. Assentei por fim que a Lei de Moisés não era de Deos, mas sòmente invenção humana, como outras sem conto que tem havido no mundo. E' que muitos pontos brigavão com a lei da Natureza, e Deos, autor da Natureza, não podia estar em contradicção comsigo mesmo, e esta lo-hia se propusesse aos homens praticarem actos contrarios á Natureza, de que se dizia autor. Definido este ponto no meu espirito, disse eu comigo: Que aproveita (oxalá nunca tal ideia houvesse surgido na minha mente) permanecer eu neste estado até á morte, separado da communicação com estes Padres e com este povo, mormente sendo eu estrangeiro nestas paragens e não tendo trato com os cidadãos, cuja lingoa até desconheço? Melhor será voltar á communicação com elles e seguir-lhes as pisadas como elles querem, fazendo, segundo diz o rifão, de macaco entre os macacos. Movido d'esta consideração, tornei a communicar com elles, retratando as minhas expressões e subscrevendo as opiniões d'elles, havendo já quinze annos que d'elles vivia separado. D'esta reconciliação foi, por assim dizer, medianeiro um meu primo da parte de meu pae.

Decorridos dias, fui denunciado por um rapazito, filho de minha irmã, que eu tinha em casa, com respeito ás comidas, ao modo de prepará-las, e a outras cousas, d'onde se inferia que eu não era judeu. D'esta denuncia nascêrão novas e violentas guerras. Aquelle meu primo, que, segundo já disse, fôra o medianeiro da reconciliação, entendendo que o meu procedimedto redundava em vergonha sua, soberbão e arrogante que era, sobremaneira imprudente e tambem sobremaneira impudente, abriu contra mim guerra declarada, e levando após si todos os meus irmãos, não deixou por tentar meio algum que pudesse por alguma fórma contribuir para a ruina total da minha honra, dos meus haveres e consequentemente da minha vida. Foi elle quem desbaratou o casamento que eu estava já para contrahir (a este tempo era eu viuvo); fez com que um meu irmão retivesse os meus bens que tinha em seu poder, e destruiu as relações que entre nós havia, circumstancia que me causou um prejuizo indizivel em consequencia do estado em que as minhas cousas se achavão. Baste agora dizer que foi elle o mais encarniçado inimigo da minha honra, da minha vida e dos meus bens. Sobre esta guerra, por assim dizer, domestica, havia outra pública, a dos rabbinos e do povo, que principiárão a ter-me novo odio e commettêrão contra mim muitos desafôros; assim que merecidamente eu os aborrecia. Entretanto sobreveiu novo acontecimento. Acaso conversei com dois sujeitos, vindos de Londres para esta cidade, um italiano, o outro hespanhol, ambos christãos velhos; declarando-me serem pobres, pedírão-me o meu conselho sobre se havião de alliar-se aos judeus e converter-se ao judaismo. Aconselhei-os a que tal não fizessem e se conservassem como estavão, pois não sabião o jugo que ião pôr sobre o pescoço. Em todo o caso advertia-lhes que não fallasssm em mim aos judeus; assim promettêrão fazer. Estes homens ruins, com os olhos no vergonhosissimo proveito que esperavão colher, agradecêrão-me descobrindo tudo aos meus carissimos amigos, os phariseus. Nisto congregarão-se os principes da Synagoga, inflammarão-se os rabbinos, e a gentalha petulante[1] bradou rijo: Crucifica-o, crucifica-o[2]. Fui chamado perante o Grande Conselho; propuserão as queixas que tinhão contra mim em voz baixa e triste, como se se tratára de um caso de morte, e por fim declarárão que, se eu era judeu,

[1] *Turba petulans*; deve ser reminiscencia de Phedro, I. 2, 20.
[2] E' allusão a *At illi succlamabant dicentes: Crucifige, crucifige eum*. Evang. de S. Lucas, XXIII, 21.

devia acatar e cumprir a sentença que proferissem, aliás tornaria a ser excommungado. Ah preclaros juizes! Sois juizes para me fazerdes mal; mas se eu carecer do vosso tribunal para me livrardes da violencia de outrem e me assegurardes a minha inviolabilidade, então não sois juizes, senão vilissimos escravos cativados a poder alheio. Qual é a vossa sentença a que quereis que eu me submetta? Então foi-me lido um papel em que se dizia que eu tinha de entrar na Synagoga vestido de luto, com uma vela negra na mão e vomitar [1] publicamente, na presença da assembleia, certas e determinadas palavras, escritas por elles, bem feias, em que levavão ás nuvens as iniquidades por mim commettidas. Depois havia de consentir em ser publicamente açoutado na Synagoga com um azorrague de couro [2], em seguida prostrar-me á entrada da propria Synagoga para todos passarem por cima de mim, e demais jejuar em dias determinados. Acabada que foi a leitura, incendiárão-se-me as entranhas e ardia por dentro em fogo de colera inextinguivel; comtudo, soffreando-me, respondi chãmente que não podia cumprir semelhantes imposições. Ouvida a minha reposta, determinárão excommungar-me segunda vez, e não contentes com isto, quando eu passava na rua, muitos d'elles cuspião fóra e o mesmo fazião os filhos industriados por elles; só não me apedrejavão, porque não podião. Outros sete annos durou esta guerra, e no correr d'este tempo padeci cousas que não se acreditão. Guerreavão-me duas hostes, uma a do povo, outra a dos parentes, que buscavão a minha ignominia para de mim tirarem vingança. E os parentes não tiverão descanso emquanto não me desalojárão da posição anterior. Disserão entre si: Elle nada fará, se não fôr obrigado, e cumpre que seja obrigado. Se estava enfermo, via-me sòzinho. Se alguma outra calamidade pesava sobre mim, contavão-na entre os seus maiores desejos. Se dizia que se tirasse d'entre elles um juiz que decidisse a questão entre nós, nada querião menos. Tratar de tal pendencia em juizo, passo

[1] *evomere.*
[2] O texto accrescenta *ceu* (sic) *ligaculo.* Este vocabulo, que não vem nos diccionarios latinos, deve ser latinização do termo archaico *legalho* ou *negalho.*

que tambem tentei, dava muito incommodo e enfado, sendo que consumia estiradissimo tempo o recorrer aos tribunaes, onde, afóra muitos outros encargos, ha constantemenie tantas delongas e adiamentos. Disserão-me muitas vezes: Submette-te a nós, pois somos todos iguaes e não imagines nem temas que procedamos mal comtigo. Dize emfim uma vez, que estás pronto a cumprir o que te impusermos, e deixa-nos a nós o final, que nós faremos tudo como é bem que se faça. Eu, embora a questão versasse justamente sobre este ponto e semelhante submissão e acceitação de imposições arrancada á força fosse para mim grandissima vergonha, comtudo para levar as cousas até o cabo e com os meus olhos verificar-lhes o desfecho, venci-me a mim proprio determinando-me animosamente a acceitar e experimentar quanto elles quisessem. De feito, no caso de as imposições serem feias e deshonrosas, ainda mais justificavão a minha causa contra elles e manifestavão as disposições dos animos d'elles para comigo e a sua lealdade, e patenteava-se de vez o hediondo e execrando dos costumes d'esta gente que tão indecorosamente abusa das pessoas mais honestas como se fossem os mais vis escravos. Pois cumprirei, disse eu, tudo quanto me impuserdes. Agora dai-me attenção, quantos sois honrados, cordatos e humanos, e meditae profundamente, uma e muitas vezes, a sentença que executárão em mim, de todo innocente, elles, pessoas privadas, sujeitas ao poder de outrem.

Entrei na Synagoga, que estava cheia de homens e de mulheres, e quando foi tempo, subi ao taburno de madeira que está no meio da Synagoga para o serviço dos sermões e demais actos do culto; li em voz alta o escrito, redigido por elles, em que eu confessava que merecia morrer mil vezes pelos peccados por mim commettidos, convem a saber: não ter guardado o sabbado, ter violado a fé a ponto de chegar a aconselhar os mais a que não viessem para o judaismo; e que em satisfação de taes culpas eu queria obedecer ao que me ordenassem e cumprir as penas que me impusessem, promettendo não tornar a cahir de futuro em semelhantes iniquidades e malfeitorias. Acabada a leitura, desci do taburno e acercou-se de mim o venerando presidente,

dizendo-me ao ouvido que fosse para um outro canto da Synagoga. Assim fiz; então o porteiro ordenou-me que me despisse. Despi-me até á cintura, atei um lenço á cabeça, descalcei os çapatos e ergui os braços, pondo as mãos em uma especie de columna. Chegou-se a mim o porteiro e atou-me as mãos á columna com uma faxa. Depois veiu o precentor[1] e, pegando de um couro, deu-me trinta e nove tagantes conformemente á prática tradicional — a Lei prescreve que não sejão mais de quarenta, e sendo estes varões tão escrupulosos observadores das leis, guardão-se de cahir em peccar por excesso[2]. — Durante a flagellação cantava-se um psalmo.[3] No fim assentei-me no chão, e o grão-rabbino[4] — que ridiculas que são as cousas do genero humano! — chegando-se á minha beira, levantou-me a excommunhão; d'est'arte já me estava aberta a porta do Céo, que antes d'isto, de valentemente trancada, me impedia de entrar. Depois tornei a vestir-me e fui para a entrada da Synagoga. Prostrei-me no chão, amparando-me o guarda a cabeça. Então todos quantos descião, passavão por cima de mim, quero dizer, levantando um pé, passavão para além junto da parte inferior das minhas pernas. Isto praticavão todos, moços e velhos — não ha bugios que possão apresentar a olhos humanos nem actos mais desentoados, nem gestos mais ridiculos. — No fim, quando já não restava mais ninguem, ergui-me, e tendo-me limpado do pó, com ajuda d'aquelle que estava ao meu lado—ninguem diga que elles não me honrárão, pois, se me atagantavão, em todo o caso choravão e afagavão-me a cabeça — voltei para casa. Ah gente, a mais desfaçada do mundo! Ah padres execrandos, de quem, dizieis, eu não devia temer que me fosse

[1] *Praecentor.*
[2] *Pro mensura peccati erit et plagarum modus; ita duntaxat, ut quadragenarium numerum non excedant.* Deuteronomio, xxv, 2, 3.
[3] Durante a execução da pena canta-se o versiculo 38 do psalmo 77. No texto hebraico o versiculo tem treze palavras; entôa-se uma palavra a cada pancada, repetindo-se o versiculo tres vezes para o numero das palavras igualar o numero das pancadas. (Devo esta noticia á obsequiosidade do erudito hebraizante o sr. Joseph Bénoliel).
[4] *Concionator ceu sapiens.*

dado mau trato! «Espancarmos-te? Longe tal pensamento!» Avalie agora, quem isto ouvir, que scena era aquella: um velho, nada baixo de condição, por natureza sobremodo envergonhado, em uma assembleia pública, despido na presença de toda a gente, homens, mulheres, crianças, e açoutado de ordem de juizes, e de juizes d'estes, que são mais escravos abjectos do que juizes; considere que dôr não seria cahir aos pés de inimigos encarniçadissimos, de quem lhe tinhão vindo tantos males, tantos aggravos, e prostrar-se para ser pisado; pense — o que ainda mais é, e póde com razão chamar-se caso fóra do natural, monstruosidade horrenda, de cuja vista hedionda a gente foge arripiada — que meus irmãos, filhos do mesmo pae e da mesma mãe, criados juntos na mesma casa, trabalhárão afincadamente para isto, esquècendo o affecto que eu lhes tinha — que tal sentimento era feição distinctiva da minha indole — e esquècendo os muitos favores que por minha intervenção havião recebido na sua vida e que me forão pagos com ignominias, perdas, calamidades, fealdades e abominações, tantas, que uma pessoa se corre de referi-las.

Dizem os meus nunca assaz detestados inimigos, que me castigárão justamente para exemplo dos mais, para que d'aqui em diante ninguem ouse ir contra as suas determinações nem escreva contra os sabios. Ah gente a mais perversa do mundo e paes de toda a mentira! Quanto mais justamente não pudera eu castigá-los a elles, para que depois vós não tivesseis taes atrevimentos contra pessoas amantes da verdade, aborrecedoras de enganos, amigas, sem distincção, de todo o genero humano, de quem vós sois inimigos communs[1], sendo que não tendes em estimação nenhuma os mais povos, havendo-os na conta de irracionaes, e vos subis protervamente a vós sós até ás nuvens, afagando-vos com mentiras, quando vós nada tendes de que com verdade vos ufaneis, a não ser que por ventura para vós seja gloria o andardes desterrados, serdes desprezados e odiados de toda a gente por causa do ridiculo e exquisito dos vossos costumes, pelos quaes pretendeis separar-vos do

[1] Provavelmente é reminiscencia do lugar de Tacito: *apud ipsos fides obstinata, misericordia in promptu, sed adversus omnes alios hostile odium (Hist., v. 5).*

resto da humanidade. Que se quiserdes fazer gloria da simplicidade da vida e da justiça, ai de vós, que palpavelmente vos mostrareis inferiores a muitos a taes respeitos. Digo, pois, que se tivera forças, eu teria podido tirar d'elles justa vingança dos males grandissimos e atrocissimos aggravos de que me abeberárão e que me levárão a ganhar aborrecimento á propria existencia. Sim! Que pessoa amante do honesto terá animo e gosto para viver uma vida coberta de ignominia? E segundo já foi dito com acêrto[1], a uma pessoa dotada de fidalguia de sentimentos cumpre ou viver arrazoadamente ou morrer com honra. Tanto porêm a minha causa é mais justa do que a d'elles, quanto a verdade se avantaja á mentira. Elles pugnão pela mentira para cativarem os homens e escravizá-los; eu pugno pela verdade e pela liberdade natural do homem, a quem o que melhor fica é, livre de falsas superstições e ritos inanissimos, passar uma vida que não seja indigna do homem. Confesso que teria sido para mim mais proveitoso, se de principio me houvera calado, e reconhecendo como anda o mundo, preferisse permanecer mudo, que assim convêm que faça quem tem de viver no meio dos homens, para não ser victima, segundo costuma acontecer, da multidão ignorante ou de tyrannos injustos, — de feito cada qual com a mira nos seus interesses busca abafar a verdade, e armando laços aos pequenos, calca aos pés a justiça — todavia, depois de, incautamente illudido por uma religião vã, ter descido com elles a campo, é melhor morrer gloriosamente, ou ao menos morrer sem desgosto, que, nas pessoas de bem, é o companheiro de uma retirada vergonhosa ou de uma resignação inepta. Costumão elles allegar em seu favor a vontade da grande maioria. «Tu, que es um só, deves de submetter-te á nós, que somos muitos.» Amigos, é util sem duvida que o individuo se submetta á maioria, para não ser dilaniado por ella; mas nem tudo o que é util se segue que seja bello. Bello certamente não é o retirar-se com ignominia e deixar o campo aos violentos e injustos. Deveis

[1] Creio que se refere a este lugar de Isocrates: τῶν ἀνδρῶν τοῖς καλοῖς κἀγαθοῖς αἱρετώτερόν ἐστι καλῶς ἀποθανεῖν ἢ ζῆν αἰσχρῶς (Panegyrico, § 95).

logo confessar que é virtude merecedora de louvor ter rosto quanto possivel aos soberbos, para que não aconteça que, procedendo mal e colhendo proveito da sua maldade, se tornem cada vez mais soberbos. E' formoso, na verdade, e digno de um homem piedoso e generoso fazer-se pequenino com os pequeninos, ovelha com as ovelhas; mas é sandice, é ignominioso e reprehensivel vestir, em combate com leões, a mansidão da ovelha. Ora se se põe entre as cousas mais formosas pelejar até morrer em defesa da patria[1], por isso que a patria é alguma cousa que nos pertence, porque razão não ha-de ser bello pelejar até morrer em defesa da honra propria, que é pessoalmente nossa e sem a qual não podemos viver arrazoadamente? a não ser que, á semelhança de cerdos immundos, nos revolvamos no immundo tremedal do lucro. Mas dizem os meus detestaveis motejadores, estribando no numero todo o seu direito, «O que poderias tu, que és um só, contra tantos?» Confesso e deploro ter sido esmagado pelo numero que vós sois, comtudo esses vossos pensamentos e palavras ainda mais me fazem referver a colera no meu interior e bradar que é impiedade ter piedade de impios, soberbos, contumazes e obstinados.

Sei bem que aquelles inimigos, para me desacreditarem perante a multidão indouta, costumavão dizer: «Elle não tem religião nenhuma; não é judeu, não é christão, não é mahometano». Olha primeiro, phariseu, o que dizes; que tu és cego, e comquanto te sóbre maldade, dás entretanto topadas como um cego. Anda, dize-me, se eu fosse christão, o que dirias? E' claro que havias de dizer que eu era um abominavel idólatra, e que juntamente com Jesus Nazareno, Mestre dos christãos, havia de ser punido pelo Deos verdadeiro, de cujas bandeiras havia desertado. Se fosse mahometano, tambem todos sabem de que honras me cumularias; e assim nunca poderia escapar á tua lingoa, tendo por unico refugio prostrar-me aos teus joelhos e beijar os teus execrandos pés, quero dizer, as tuas detestaveis e vergonhosas instituições. Agora supplico-te que me

[1] Reminiscencia de: *Dulce et decorum est pro patria mori*, Horacio, *Odes*, III, 2, 13.

digas se conheces mais alguma religião alêm das que mencionaste, ás duas ultimas das quaes tu, havendo-as por falsas, chamas antes scismas do que religiões. Já te ouço confessar que conheces mais uma, e é a verdadeira religião, por meio da qual os homens podem agradar a Deos. Com effeito, se todos os povos, exceptuando os judeus — que haveis sempre de separar-vos dos mais e não vos associar a gente baixa e humilde —, observarem os sete mandamentos, que, segundo vós dizeis, forão observados por Noé e pelos que forão antes de Abrahão, basta-lhes isto para se salvarem. Já ha, conseguintemente, segundo as vossas proprias ideias, uma religião em que eu posso fundar-me, embora descenda de judeus, pois com súpplicas alcançarei de vós o consentirdes que eu me misture com a demais multidão, e se não o alcançar, tomarei a licença por mim proprio. Ah cego phariseu, que, olvidando aquella lei, que é a primitiva, e existiu desde sempre e sempre ha-de existir, só fazes menção das outras leis que só posteriormente começárão a existir, e que tu proprio condenas, exceptuando a tua, a respeito da qual, queiras ou não queiras, tambem os mais julgão conformemente á recta razão, que é a verdadeira norma d'aquella lei natural, que tu esquèceste e que bem desejas sepultar, para pôres sobre o collo dos homens o teu execrando jugo, desalojá-los da sã razão e torná-los parecidos a loucos.

Mas já que viemos a este ponto, apraz-me demorar-me aqui um pouco e não calar de todo os louvores d'esta lei primitiva. Digo[1] pois, que esta lei é commum a todos os homens e nelles innata pelo proprio facto de serem homens. Liga a todos uns aos outros pelos laços de mutuo amor, desconhecendo divisões, que são a origem primordial de todos os odios e dos maiores males. E' a mestra da moral, estabelece a distincção do justo e do injusto, do feio e do bello. Tudo quanto ha excellente na lei de Moisés ou em qualquer outra, a lei natural encerra-o em si integralmente na perfeição; e se ha algum desvio, por pequeno que seja, d'esta regra natural, para logo surgem as contendas, para logo ha

[1] Parece-me indubitavel que ha-de ler-se *dico*, e não *dic*, como está impresso.

a divisão dos espiritos, e não póde encontrar-se sossego. Se porêm o desvio é grande, quem bastará a fazer revista dos males e das horrendas monstruosidades que d'este adulterio nascem e tómão crescimento? Que preceitos soberanos tem a lei de Moisés, ou qualquer outra, que digão respeito á sociedade humana, para que os homens vivão bem e em concordia uns com os outros? Sem duvida o primeiro é honrar os paes; o segundo não violar os bens alheios ou seja a vida ou a honra ou as outras cousas uteis para a vida. Qual d'estes preceitos, dizei-me, não se contêm na lei natural e regra certa que está gravada nos corações? Por impulso natural amamos os filhos, os filhos amão os paes, o irmão ama o irmão, o amigo o seu amigo. Por impulso natural desejamos a conservação intacta do que é nosso e aborrecemos os que nos perturbão a paz, os que por violencia ou por fraude nos querem tirar o que é nosso. D'este nosso desejo sae uma conclusão evidente, e é que nós não devemos praticar o que nos outros condenamos. Effectivamente, se condenamos os outros que invadem o que é nosso, desde logo a nós mesmos nos condenamos se invadirmos o alheio. E aqui temos já facilmente tudo que é capital em qualquer lei. O que respeita á alimentação, deixemo-lo aos medicos; elles nos farão saber assaz apropriadamente qual é a comida que faz bem á saude, qual, pelo contrario, é a que a prejudica. No que toca ás mais ceremonias, ritos, regulamentos, sacrificios, dizimos (fraude insigne para uma pessoa se gozar do trabalho alheio sem fazer nada), ai, ai!... choramos por serem tantos os labyrinthos em que nos metteu a malicia dos homens. Reconhecendo este ponto, são muito para louvar os verdadeiros christãos, que mandárão embora todas as cousas d'este genero, conservando só o que interessa á moralidade. Não vivemos como é de dever, quando observamos muitas futilidades; vivemos, porêm, como é de dever quando vivemos conformemente á razão. Alguem dirá que a lei de Moisés ou a lei do Evangelho contêm alguma cousa mais alevantada e perfeita, e vem a ser o amarmos os nossos inimigos, preceito que não se contêm na lei natural. Respondo-lhe como acima disse. Se nos apartamos da Natureza e pretendemos descobrir alguma cousa

mais levantada, para logo surge a luta, perturba-se o sossego. De que serve ordenarem-se-me impossiveis que eu não tenho forças para cumprir? Nenhum bem d'ahi resultará, senão a tristeza do espirito se assentarmos ser impossivel, pela ordem da Natureza, amar o nosso inimigo. Ora se não é de todo impossivel, segundo a ordem natural, fazer bem aos inimigos (o que póde fazer-se sem haver amor), por isso que, geralmente fallando, somos por natureza propensos á piedade e compaixão, não devemos ja negar em absoluto que uma tal perfeição se comprehende na lei natural.

Vejamos agora outro ponto, e é, que males brotão quando a gente se aparta muito da lei natural. Dissemos que ha um laço natural de amor antre os paes e os filhos, entre os irmãos e entre os amigos. Este laço desata-o e desfá-lo a lei positiva, seja ella a de Moisés ou a de qualquer outro, quando ordena que o pae, o irmão, o conjuge, o amigo, mate ou tráia por amor da religião o filho, o irmão, o conjuge, o amigo; e uma lei assim quer uma cousa superior ao que póde ser effectuado por creaturas humanas, e que, se se effectuasse, seria o maior attentado contra a Natureza, sendo que a Natureza tem horror a semelhantes actos. Mas para que é lembrar estas cousas, quando os homens levárão a insania ao ponto de offerecerem os proprios filhos em holocausto aos idolos a que rendião vanissimo culto, apartando-se tanto d'aquella lei natural e manchando tão feiamente os sentimentos maternos, filhos da Natureza! Quanto mais agradavel não fôra, se os homens se tivessem conservado dentro das raias marcadas pela Natureza e não houvessem feito invenções tão hediondas! Que direi dos enormes terrores e ansiedades em que a maldade de uns homens tem lançado os outros homens? E de taes males bem podia estar livre todo o individuo; bastaria que escutasse a voz da Natureza, a qual desconhece absolutamente semelhantes cousas. Quantos não são os que desesperão de salvar-se, os que, imbuidos em varias crenças, padecem martyrios, passão espontaneamente uma vida toda de amarguras, mortificando lastimosamente o corpo, buscando solidões e lugares apartados da conversação humana, vexados perpetuamente de tormentos interiores, pois que já pranteião

como actuaes os males de que se arreceião no futuro! Estas e outras calamidades sem conto foi uma falsa religião, maldosamente inventada pelos homens, a que as acarretou á humanidade. Não sou eu proprio um, entre muitos, que fui grandemente enganado por taes impostores e, acreditando nelles, me deitei a perder? Fallo por experiencia. Mas objéctão: Se não houver outra lei mais que a natural, se os homens não souberem pela fé que ha outra vida, e não temerem as penas eternas, que motivo ha para que não se tornem perpetuamente culpados de malfeitorias? Vós, excogitando taes invenções (quiçá por qualquer outro motivo occulto; que é de temer que por interesses vossos quizesseis pôr uma carga sobre os mais), assemelhaes-vos aos que, para amedrontarem as crianças, fingem papões ou fantasíão nomes aterradores, até que as pobres crianças, batidas do medo, se submettão á vontade d'elles, escravizando, enfadadas e tristes, a vontade propria. Mas estes meios são proficuos emquanto a criança é criança; tão depressa como abre os olhos da intelligencia, ri-se do engano e já não tem medo do papão. Neste caso estão as vossas invenções ridiculas, que só a crianças ou a bolonios podem metter medo; mas as outras pessoas que vos conhecem as manhas, riem-se de vós. Ponho agora de parte o tratar do justificado de semelhante fraude, quando vós mesmos, os autores de taes invenções, tendes uma regra de direito que diz que não se hão-de fazer males para virem bens, a não ser que não ponhaes na conta de males o mentir com grave prejuizo dos outros, dando aos fracos occasião de perderem o juizo. Ora se em vós houvesse uma sombra sequer de religião ou de temor, infallivelmente não deverieis ter tido pouco medo, quando introduzistes no mundo tantos males, quando levantastes tantas discordias entre os homens, quando criastes tantas instituições iniquas e impias, a ponto de não duvidardes açular impiamente os paes contra os filhos, e os filhos contra os paes.

Uma pergunta desejaria eu fazer-vos, e é, se quando, em razão da malicia dos homens, fazeis essas invenções a fim de conterdes dentro dos termos do dever, com terrores imaginarios, os homens, que d'outro modo não observarião o bem, vos acode ao pensamento que vós

sois semelhantemente pessoas cheias de malicia, que não sois capazes de fazer nada bom; nem pôr em obra senão perpetuamente o mal, prejudicar os mais, não usar de misericordia para com ninguem. Já vejo que vós vos encolerizaes contra mim, que ousei fazer-vos uma pergunta assim, e que cada um de vós batalha denodadamente em defesa da justiça dos seus actos. Nenhum ha que não diga que é piedoso, misericordioso, amante da verdade e da justiça. Consequentemente, ou não fallaes verdade dizendo de vós o que dizeis, ou accusaes falsamente a malicia humana, á qual quereis dar remedio com os vossos papões e terrores fantasticos; injuriosos para com Deos, que apresentaes aos olhos dos homens como cruelissimo algoz e horroroso torturador, injuriosos para com os homens, que pretendeis terem nascido para tão deploravel miseria, como se não bastassem os desares que succedem na vida a cada um de nós. Mas conceda-se que é grande a malicia humana — o que eu proprio confesso, e de que vós mesmos me servis de testemunhas, sendo maliciosos em extremo, aliás não poderieis idear taes invenções —; procurae então remedios de grande efficacia, que sem maior dano fação desapparecer esta doença de todos os homens em geral, e deixae-vos de papões, que só têm effeito em crianças e tolos. Se, porêm, esta enfermidade é incuravel no genero humano, deixae-vos de mentiras e não promettaes, á guisa de medicos charlatães, a saude que não podeis dar. Contentae-vos com estabelecer entre vós leis justas e racionaes, premiar os bons, punir devidamente os máos, livrar de violencias os que padecem violencias, para que não bradem que neste mundo não se faz justiça e que não ha quem salve o fraco das garras do forte. Sem dúvida, se os homens quisessem nortear-se pela recta razão e viver em conformidade com a Natureza, amar-se-hião todos uns aos outros; cada qual, na proporção de suas forças, acudiria á desventura do proximo, ou pelo menos ninguem offenderia outrem só pelo gosto de offender. Proceder de modo contrario é proceder contrariamente á natureza humana; e se muitos d'estes actos se praticão, é porque os homens têm inventado diversas leis oppostas á Natureza, e uma pessoa irrita a outra com assu as

malfeitorias. Muitos ha que andão hypocritamente, fingindo-se por extremo religiosos, e illudem os incautos cobrindo-se com a capa da religião para apanharem os que podem. Semelhante gente póde bem comparar-se ao ratoneiro nocturno, que insidiosamente acommette quem está adormecido e não espera por tal. Andão sempre a dizer: sou judeu, sou christão; crê em mim, não te enganarei. Ah alimarias ruins [1]! aquelle que não diz nada d'isto e só faz profissão de ser homem, é muito melhor do que vós. Sim! Se não quereis acreditar nelle, como homem que é, podeis precatar-vos; de vós, porêm, quem se ha-de precatar? de vós que, embuçados na capa falsa de falsa santidade, á maneira do ladrão nocturno coando-vos pelas abertas, daes sobre os que mal precatados dormem, e os estrangulaes miseravelmente!

Uma cousa entre muitas me maravilha, e é certamente para maravilhar; vem a ser, como é que os phariseus, vivendo no meio de christãos, podem gozar de tanta liberdade que até julgão em tribunal; e na verdade posso dizer que, se Jesus Nazareno, a quem os christãos rendem tanto culto, discursasse hoje em Amsterdam, e aos phariseus aprouvesse açoutá-lo novamente por elle impugnar as tradições dos phariseus e lhes lançar em rosto a hypocrisia, poderião fazê-lo muito á sua vontade. Tal cousa é seguramente uma vergonha que não devia tolerar-se em uma cidade livre, que faz profissão de manter as pessoas em liberdade e paz, e todavia não as defende dos aggravos dos phariseus; ora quando um individuo não tem quem o defenda ou vingue, não é de estranhar que procure por si mesmo defender-se e vingar os aggravos recebidos.

Aqui tendes a historia veridica da minha vida; pus-vos diante dos olhos o papel que representei neste vanissimo theatro do mundo na minha vida tão vã e instavel. Agora, filhos dos homens, julgae com justiça e, despidos de todo o affecto, com isenção, proferi a vossa sentença conformemente á verdade, que isto é,

[1] E' sem duvida reminiscencia do texto de S. Paulo: *Dixit quidam ex illis, proprius ipsorum propheta: Cretenses semper mendaces, malae bestiae, ventres pigri* (ad Titum, I, 12).

sobre tudo, digno de homens que são verdadeiros homens. E se alguma cousa encontrardes que vos force á compaixão, reconhecei e deplorae a desventurada condição humana, de que tambem vós participaes. E para que nem esta circumstancia fuja ao vosso conhecimento, ficae sabendo que o nome que eu tinha quando christão em Portugal, era Gabriel da Costa; entre os judeus, para o meio dos quaes oxalá eu nunca tivera vindo, fui, com leve alteração, chamado Uriel.